

# Influência dos indicadores fisiológicos nas crenças de autoeficácia de alunos em um contexto de ensino coletivo de violão

*Dayane Battisti*

Universidade Federal do Paraná - UFPR  
[daya\\_battisti@hotmail.com](mailto:daya_battisti@hotmail.com)

*Rosane Cardoso de Araújo*

Universidade Federal do Paraná - UFPR  
[rosanecardoso@ufpr.br](mailto:rosanecardoso@ufpr.br)

## Comunicação

**Resumo:** O ensino coletivo de instrumentos musicais apresenta vantagens como a democratização do acesso, a interação entre os alunos, o ambiente lúdico, a cooperação, a motivação, entre outros. Para investigar a motivação neste ambiente, o referencial teórico escolhido foi a teoria da Autoeficácia. O objetivo foi investigar a motivação para aprender violão em grupo a partir das fontes de influência das crenças de autoeficácia (experiências diretas, experiências vicárias, persuasão verbal e indicadores fisiológicos). Para tanto, a metodologia utilizada foi uma *Survey* de pequeno porte com aplicação de questionário. Participaram da pesquisa 21 alunos de violão em grupo de uma instituição da cidade de Curitiba-PR. Foram 14 alunos do gênero masculino e 7 do gênero feminino, a maioria entre 9 e 14 anos. Com os resultados foi possível confirmar a hipótese da pesquisa, observando que a motivação para aprender violão no contexto coletivo pode ser intensificada a partir dos seguintes aspectos: (a) das experiências de êxito que os alunos têm no ambiente coletivo; (b) das experiências vicárias ao observar os pares aprendendo durante as aulas; (c) da persuasão verbal do professor e dos colegas; (d) dos indicadores fisiológicos da experiência positiva de estar tocando junto com o grupo. Neste recorte são apresentados os resultados e discussões das questões sobre os indicadores fisiológicos e uma breve caracterização dos participantes da pesquisa.

**Palavras chave:** autoeficácia; indicadores fisiológicos; ensino coletivo de violão.

## 1. Revisão de literatura

Estudos recentes vêm comprovando a estreita relação entre a motivação e a aprendizagem, e entre as atuais teorias da motivação estão as crenças de autoeficácia - principal constructo da Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura. As crenças de autoeficácia estão relacionadas a quanto um indivíduo se julga capaz de realizar determinada tarefa. Depois de diversas alterações, em 1997 Bandura chega à seguinte definição para o constructo: “Auto-eficácia percebida refere-se às crenças

de alguém em sua capacidade em organizar e executar cursos de ação requeridos para produzir certas realizações” (BANDURA, 1997, *apud* AZZI; POLYDORO, 2006, p. 12).

Esta será a definição adotada neste trabalho, onde a percepção da autoeficácia do indivíduo está relacionada com as suas “possibilidades pessoais (crenças de capacidade) de ser agente na produção da própria trajetória (organizar e executar) destacando que a concepção de auto-eficácia está relacionada a metas e objetivos” (AZZI; POLYDORO, 2006, p. 14).

Quatro principais fontes de influência são responsáveis por desenvolver as crenças das pessoas sobre sua eficácia: (1) experiências diretas, quando o indivíduo obtém sucesso na realização de algo; (2) experiências vicárias, que estão ligadas à capacidade do ser humano de aprender observando modelos sociais; (3) persuasão verbal<sup>1</sup>, quando outras pessoas a convencem sobre sua capacidade; (4) indicadores fisiológicos, que se referem à forma como o indivíduo percebe e interpreta suas reações emocionais e físicas (BANDURA, 1994).

Diferente de grande parte das pesquisas sobre as crenças de autoeficácia, esta pesquisa não busca medir as crenças de autoeficácia dos participantes. Por esta razão não foram seguidas as orientações de Bandura para a construção de escalas de autoeficácia (BANDURA, 2006) e o questionário foi elaborado de forma mais qualitativa, contendo questões abertas e algumas respostas em formato de escala *likert*, com o objetivo de investigar a motivação a partir das fontes das crenças de autoeficácia e não medi-las.

Para alcançar esses objetivos, foi realizado um levantamento (*survey* de pequeno porte) por meio de um questionário que contemplou: a caracterização dos alunos de violão de uma instituição de Curitiba; a identificação dos motivos que levaram os participantes a optar pelo estudo do violão; a percepção de como eles encaravam o aprendizado no ambiente coletivo; perguntas que visavam revelar de que maneira as fontes de influência atuavam na construção das crenças de autoeficácia dos alunos.

Os indicadores fisiológicos, ou estados somáticos e emocionais, também influenciam o julgamento das pessoas sobre suas capacidades. “A redução do estresse

---

<sup>1</sup> Alguns trabalhos traduzem esta fonte de autoeficácia como persuasão social.

e a alteração de estados emocionais negativos auxiliam o controle do raciocínio, melhorando a crença de auto-eficácia” (COSTA E BORUCHOVITCH, 2006, p. 99).

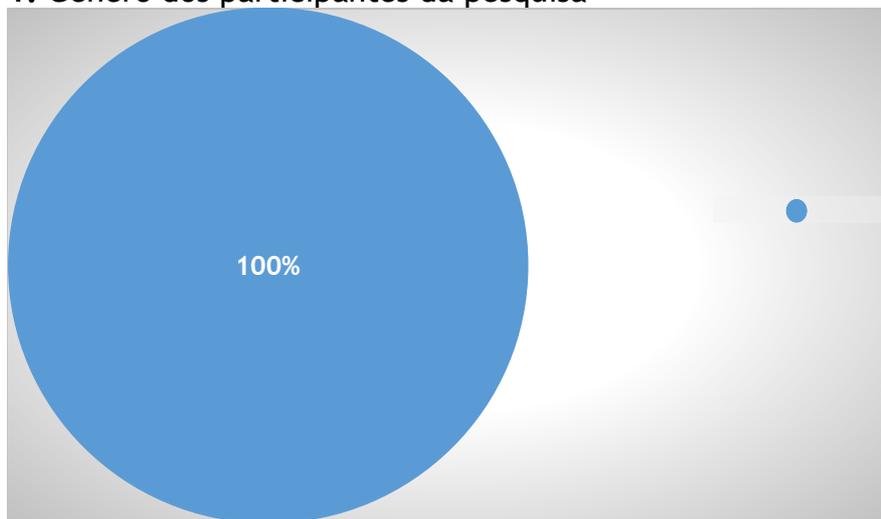
Bandura (1994) esclarece que não é a pura intensidade das reações emocionais e físicas que importam, mas sim, como essas reações são percebidas e interpretadas pelo sujeito. “As pessoas que possuem um senso de eficácia elevado, provavelmente verão seu estado de excitação afetiva como um facilitador energizante da performance, enquanto aqueles cercados de dúvidas pessoais consideram sua excitação como um debilitador” (BANDURA, 1994, p. 73, tradução nossa ).

No recorte escolhido para este artigo, serão apresentados os resultados das questões sobre a fonte de influência denominada indicadores fisiológicos, além da caracterização dos participantes da pesquisa.

## 2. Caracterização dos participantes

Do total de respondentes (N=21)<sup>2</sup>, 67% são do gênero masculino (N=14) e 33% são do gênero feminino (N=7) (ver gráfico 1):

**Gráfico 1: Gênero dos participantes da pesquisa**



Fonte: Dados da pesquisa

Analisando o gráfico e as porcentagens apresentadas, é possível observar que dois terços dos estudantes são do gênero masculino. De acordo com Figueiredo (2010,

<sup>2</sup> Esta pesquisa é considerada um *survey* de pequeno porte, e mesmo o “n” sendo pequeno, optamos por utilizar porcentagens para facilitar a visualização dos gráficos e também para facilitar a comparação com outras pesquisas.

p. 81), “a predileção dos homens pode ser influenciada por questões históricossociais, vinculadas ao estereótipo do músico boêmio”.

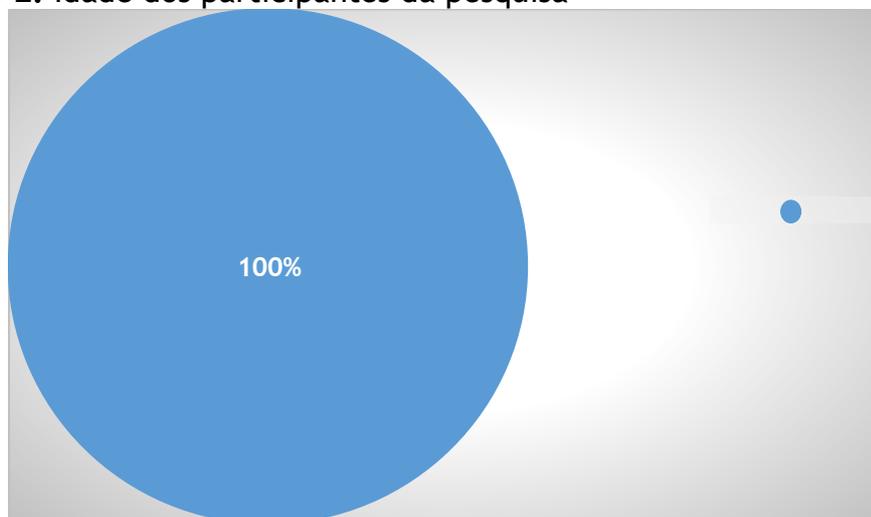
A associação do instrumento com a malandragem e a boemia pode ter influenciado a inclusão tardia do violão no meio acadêmico e selecionado um público preferencialmente masculino. Hoje, mesmo com a superação desta “má fama”, o violão ainda sofre as conseqüências do preconceito vigente no final do século XIX (FIGUEIREDO, 2010, p. 81).

Rosa (2015) encontrou resultados semelhantes em sua pesquisa sobre motivação de adolescentes para a aprendizagem e prática do violão, e comenta que essa proporção pode estar relacionada à um estereótipo de gênero, onde “é possível que o violão faça parte deste grupo de instrumentos vistos como masculinos” (ROSA, 2015, p. 51).

Para Figueiredo (2015, p. 144), “uma vez que a distinção dos instrumentos musicais entre o sexos é observada desde a infância, as medidas tomadas para a manutenção da igualdade devem ser tomadas desde as primeiras noções sobre instrumento musical” e cabe ao professor a tarefa de direcionar seu trabalho de forma mais consciente a fim de reduzir essa desigualdade.

A segunda questão caracteriza os alunos quanto a faixa etária. 62% dos alunos que responderam o questionário possuíam idade entre 9 e 14 anos (N=13); 14% tem entre 15 e 21 anos (N=3); e 24% possui mais de 21 anos de idade (N=5) (ver gráfico 2):

**Gráfico 2:** Idade dos participantes da pesquisa

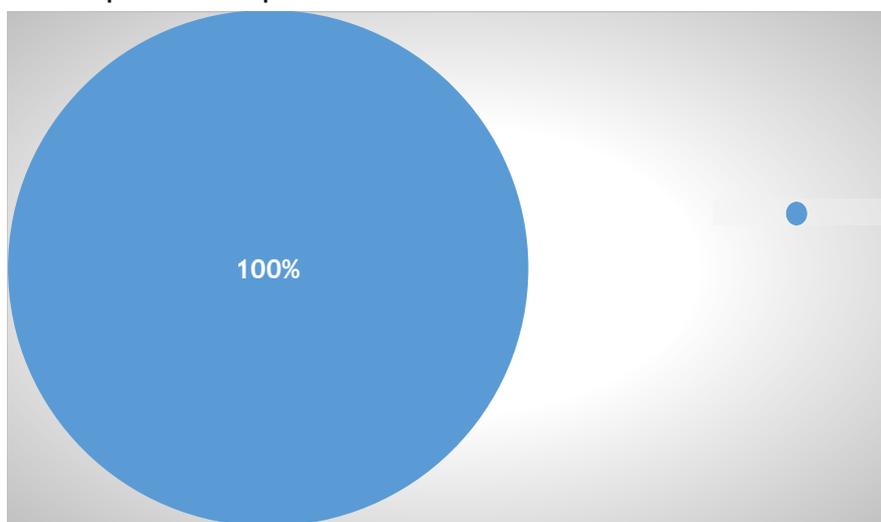


Fonte: Dados da pesquisa

As turmas possuíam estudantes com variada faixa etária, tendo desde alunos com 9 anos até alunos com 42 anos de idade. A maior concentração, porém, encontra-se na faixa entre 9 e 14 anos de idade. Apesar da diversidade de faixa etária da turma, a predominância de alunos com idade entre 9 e 14 anos pode estar relacionada com o contexto das aulas de violão, que ocorrem em período diurno. Alunos desta idade normalmente pertencem ao ensino fundamental, que pode ser cursado em um dos turnos (matutino, por exemplo) e é muito comum utilizarem o outro turno (vespertino, ou vice-versa) para se dedicar a outras atividades, como aprender um instrumento musical.

Quando questionados sobre quanto tempo estão estudando violão, 70% dos alunos (N=14) afirmaram fazer aulas há menos de um ano; os outros 30% (N=6) ficaram divididos entre 1 e 2 anos e há mais de 2 anos (ver gráfico 3):

**Gráfico 3:** Há quanto tempo estuda violão



Fonte: Dados da pesquisa

É possível observar no gráfico 3, que mais da metade dos participantes da pesquisa estava fazendo aula há menos de um ano no mês em que foi aplicado o questionário. Esse dado será utilizado posteriormente para cruzamento com as respostas dos alunos sobre as fontes das crenças de autoeficácia, permitindo assim a verificação da influência desse fator na formação das crenças de autoeficácia dos alunos.

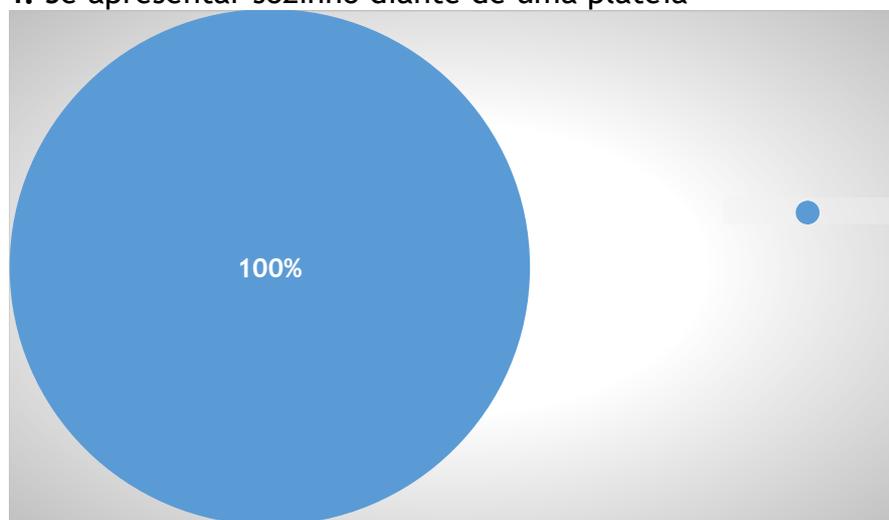
### 3. Indicadores fisiológicos

A seguir, são apresentados e discutidos os resultados das alternativas “e” e “f” da questão 8, que tratou da fonte das crenças de autoeficácia denominada indicadores fisiológicos. As respostas eram em formato de escala likert de 5 pontos, que ia desde o número 1 (pouco capaz) até o número 5 (muito capaz).

#### 3.1 Apresentação solo

A alternativa “e” era sobre o quanto o aluno sentia-se capaz de se apresentar sozinho diante de uma plateia. O número 1 (pouco capaz) foi assinalado 4 vezes (21%); o número 2 foi assinalado 3 vezes (16%); 5 assinalaram o número 3 (26%); 5 assinalaram o 4 (26%); e 2 assinalaram o 5 (11%). Devido ao fato de dois alunos não terem respondido, foram consideradas 19 respostas válidas (ver gráfico 4):

**Gráfico 4:** Se apresentar sozinho diante de uma plateia



Fonte: Dados da pesquisa

De modo geral, as respostas foram bem distribuídas. Os pontos 3 e 4 foram os mais sinalados e representam, cada um, um quarto das respostas. A parte negativa (números 1 e 2) e a positiva (4 e 5) tiveram a mesma quantidade de respostas (37% cada parte).

Na pesquisa de Rosa (2015, p. 67), a maior parte dos alunos (32%) afirmou nunca sentir alegria/satisfação tocando em apresentações. De acordo com o autor, a “sugestão mais recorrente na literatura relaciona a percepção negativa da

performance com o fator ansiedade”. Stencil, Soares e Moraes (2012) explicam que, entre outros componentes, a ansiedade pode ser percebida por meio de indicadores fisiológicos como distúrbios nos padrões respiratórios, suor, boca seca, coração acelerado, aumento de adrenalina e cortisona, distúrbios gastrointestinais. Segundo estes autores “parece que a exposição pública na prática musical traz mais desconforto do que uma atitude prazerosa, porém tirar proveito desse aspecto favorável pode ser usado como um elemento contributivo ao nível técnico da performance” (STENCEL; SOARES; MORAES, 2012, p. 39).

Na pesquisa de Cruvinel (2003), aproximadamente 90% dos alunos responderam que gostam de se apresentar em público. De forma semelhante, no estudo de Stencil, Soares e Moraes (2012), a maior parte dos entrevistados (adultos, crianças e adolescentes) afirmaram gostar de tocar em recital, sendo que na performance, a satisfação masculina (71%) foi maior do que a feminina (45%). “Outro dado interessante foi a extrema preocupação com uma execução isenta de erros. O prazer do fazer musical fica subjugado ao perfeccionismo imposto provavelmente por um público, professor ou até pelo próprio executante” (STENCEL; SOARES; MORAES, 2012, p. 37).

Azzi *et al.* (2014) explicam que dependendo das circunstâncias ambientais, da construção das experiências do indivíduo (experiências de sucesso ou fracasso em apresentações anteriores) e da intensidade do nível de ativação, a informação advinda dos indicadores fisiológicos pode ter impacto diferente na constituição da crença de autoeficácia do aluno.

É importante apontar que [...] esse nível de ativação pode ser percebido por diferentes comportamentos como sudorese excessiva, mãos trêmulas, rubor facial, e o indivíduo pode interpretá-los positivamente (como uma forma de ativação e preparação para a atividade) ou negativamente (como algo que irá prejudicar o desempenho da atividade) (AZZI *et al.*, 2014, p. 32).

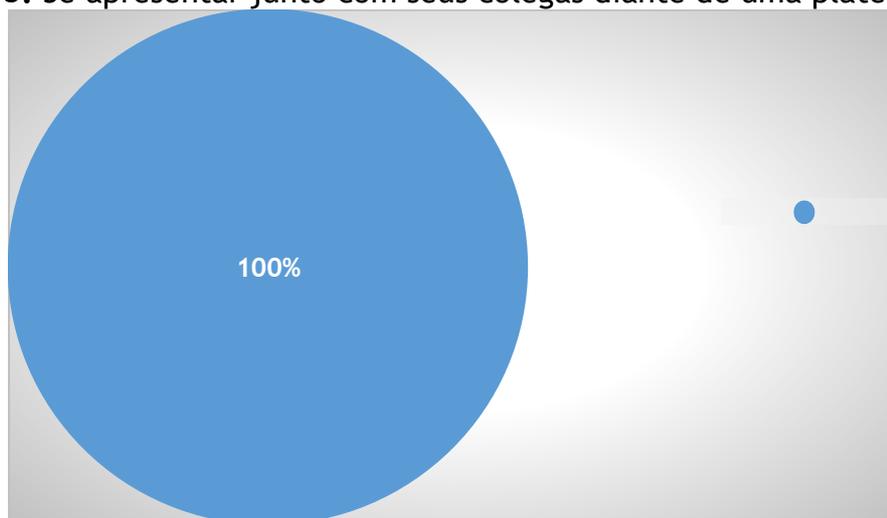
Considerando estas duas possibilidades de interpretação dos indicadores fisiológicos e analisando o gráfico das respostas, pode-se dizer que - desconsiderando os alunos que responderam de forma neutra - a metade dos alunos se sentia capaz de se apresentar sozinho diante de uma plateia e provavelmente interpretava seus indicadores fisiológicos como uma forma de ativação e preparação para a apresentação, enquanto a outra metade não se sentia capaz e interpretava os

diferentes comportamentos fisiológicos como algo que iria prejudicar seu desempenho na apresentação.

### 3.2 Apresentação em grupo

A alternativa “f” era referente à capacidade de se apresentar junto com seus colegas diante de uma plateia. Foram 20 respostas levadas em consideração nesta alternativa, pois um aluno não respondeu. 10% dos alunos (N=2) sinalaram o número 1 e se consideram pouco capazes de realizar tal tarefa; nenhum aluno (N=0) marcou o número 2; 25% (N=5) marcaram o número 3 (neutro); 45% (N=9) sinalaram o número 4; e 20% (N=4) marcaram o número 5 (muito capaz) (ver gráfico 5):

**Gráfico 5:** Se apresentar junto com seus colegas diante de uma plateia



Fonte: Dados da pesquisa

Observando o gráfico, a fatia que corresponde ao número 4 é nitidamente a maior, ocupa quase metade do círculo. Somando os valores dos pontos 4 e 5, temos 65% das respostas na parte positiva da escala, enquanto a parte negativa (1 e 2) conta apenas com os 10% que correspondem ao item 1. Este é o primeiro gráfico em que os pontos positivos somados ultrapassam a metade das respostas, o que indica que os alunos sentiam-se mais capazes de se apresentar junto com seus colegas do que sozinhos.

Stencel, Soares e Moraes (2012) obtiveram resultados semelhantes em sua pesquisa e enumeram algumas razões citadas pelos alunos que preferem tocar em grupo.

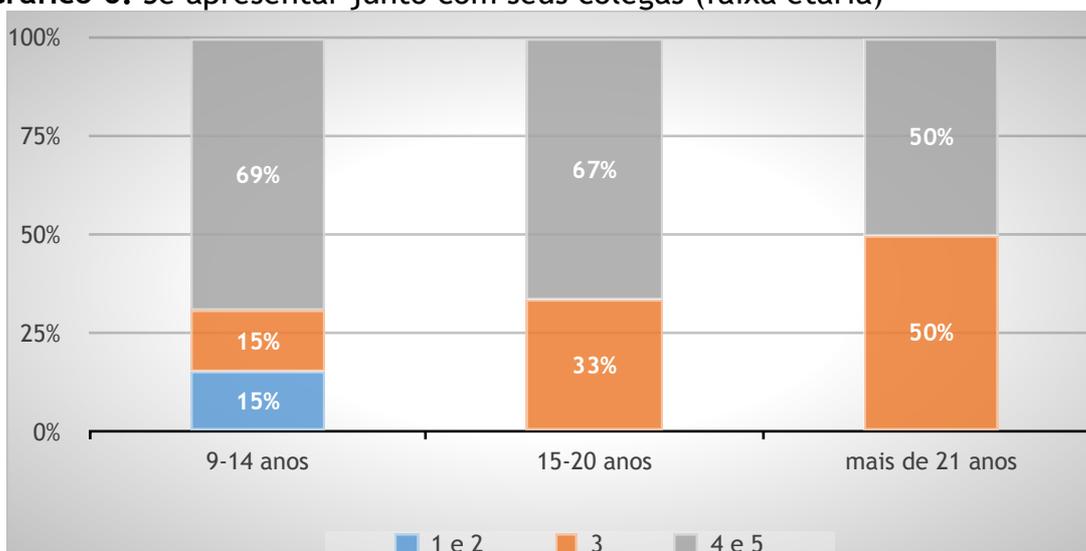
Tanto homens como mulheres preferem tocar em grupo, pois é mais cômodo, há interação; por que dá uma sensação maior de segurança; dá mais empolgação; por que há união de ideias, produção e maior trabalho; por que não estou sozinho em cima do palco; por que divide as responsabilidades; dá mais tranquilidade; meus erros são escondidos; por que a atenção do público não está totalmente em mim (STENCEL; SOARES e MORAES, 2012, p. 41).

Outra pesquisa que obteve resultados semelhantes foi a de Cruvinel (2003), que comenta sobre a motivação dos alunos de ensino coletivo para se apresentar em grupo, comparando as aulas individuais.

Outro ponto interessante, que merece ser destacado, se refere ao fato de que o ensino coletivo propicia uma grande motivação causada pelas apresentações públicas; ao contrário da aula individual, onde o solista, por estudar e tocar sozinho, sente medo ou insegurança no palco. Os alunos que estudam através do ensino coletivo, se sentem confiantes e querem mostrar (para todas pessoas possíveis!) o trabalho desenvolvido em conjunto, em várias apresentações e locais diferentes (CRUVINEL, 2003, p. 181).

O gráfico 6 demonstra as 20 respostas da alternativa “f” agrupadas em três categorias de idade dos participantes (ver gráfico 6):

**Gráfico 6:** Se apresentar junto com seus colegas (faixa etária)



Fonte: Dados da pesquisa

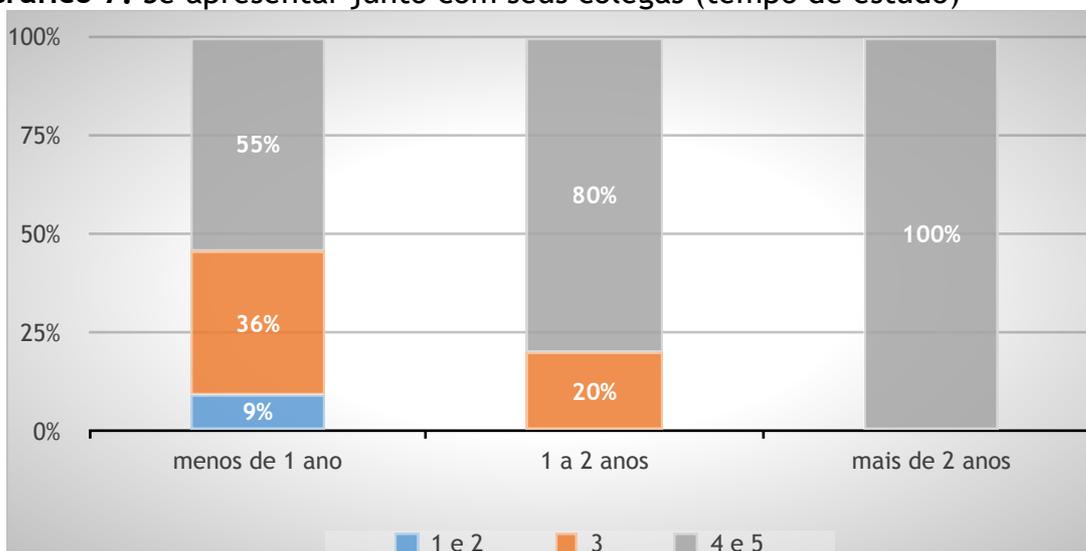
Sobre a capacidade de apresentar-se diante de uma plateia junto com seus amigos, os alunos de 9 a 14 anos assim responderam: 9 sentiam-se capazes ou muito capazes de realizar tal tarefa, 2 mostraram-se neutros e 2 sentiam-se pouco capazes. Entre os alunos de 15 a 20 anos, 2 sentiam-se capazes ou muito capazes e 1 respondeu

neutro. No grupo dos alunos com mais de 21 anos, 2 assinalaram os números positivos da escala e 2 o número 3 (neutro).

Nas três colunas, a parte positiva da escala (4 e 5) teve uma pontuação maior ou igual a das outras respostas. As únicas duas respostas negativas estão concentradas na primeira coluna, que representa os alunos mais novos (9 a 14 anos), que proporcionalmente, é a coluna que mais teve respostas positivas (quase 70%). O percentual de alunos com crenças positivas reduziu gradativamente, chegando a 50% na coluna que representa os alunos com mais de 21 anos. Assim, apareceu uma predominância dos alunos em se sentirem menos capazes de se apresentar com seus colegas conforme a idade aumentava.

Cruzando os dados das respostas com o tempo de estudo no instrumento, foi gerado o gráfico a seguir, que conta com 19 respostas, pois um aluno não respondeu o tempo de estudo e outro não assinalou a alternativa “f” (ver gráfico 7):

**Gráfico 7:** Se apresentar junto com seus colegas (tempo de estudo)



Fonte: Dados da pesquisa

Observando o gráfico 7, notamos que há um crescimento proporcional das respostas positivas. No grupo dos 11 alunos com menos de 1 ano de estudo, 6 assinalaram os números 4 ou 5 (capaz ou muito capaz), 4 assinalaram o número 3 (neutro) e 1 marcou o número 1 (pouco capaz). Já entre os 5 alunos com 1 a 2 anos de estudo, 4 sinalaram os números 4 e 5, e 1 respondeu o número 3. Por fim, entre os alunos com mais de 2 anos, todos os 3 responderam positivamente.

Neste gráfico fica nítido o crescimento das respostas positivas a cada coluna, começando com aproximadamente 55% na primeira coluna, alcançando 80% na segunda e 100% na terceira. O gráfico permite afirmar que, para estes participantes da pesquisa, quanto mais tempo de estudo, mais capazes eles se sentiam de se apresentar junto com seus colegas.

A grande incidência de respostas positivas na questão “f”, demonstrada nos últimos três gráficos, reforça uma das vantagens do ensino coletivo, que propicia apresentações em grupo e interfere positivamente na interpretação que os alunos fazem dos seus indicadores fisiológicos e, conseqüentemente, em suas crenças de autoeficácia.

#### 4. Conclusão

O ensino coletivo de instrumentos musicais propicia um ambiente onde os alunos têm a oportunidade de aprender em conjunto, seja com o professor ou mesmo com os colegas; o resultado musical ocorre de maneira rápida e a sonoridade do grupo muitas vezes pode ser mais interessante para o aprendiz. Os alunos têm também a oportunidade de sentir-se parte de um grupo musical, além de contar com a opinião dos colegas e a atuação e o estímulo do professor. Todos estes fatores contribuem para que a motivação dos alunos para aprender seja maior no contexto coletivo.

Falando sobre os indicadores fisiológicos, Azzi *et al.* (2014) frisam que o nível de ativação pode ser percebido por diferentes reações, como suor, mãos trêmulas e rubor facial. O indivíduo pode jogar essa ativação como algo positivo, que o preparará para a performance, ou como algo negativo, que prejudicará seu desempenho (Idem). Considerando estas duas possibilidades de interpretação dos indicadores fisiológicos e analisando as respostas dos alunos, é possível concluir que a metade dos alunos sentia-se capaz de se apresentar sozinho diante de uma plateia e provavelmente interpretava seus indicadores fisiológicos como uma forma de ativação e preparação para a apresentação, enquanto a outra metade não se sentia capaz e interpretava os diferentes comportamentos fisiológicos como algo que iria prejudicar seu desempenho durante a performance.

Sobre a possibilidade da apresentação em grupo, 65% dos alunos afirmaram que se setiam capazes ou muito capazes de se apresentar junto com seus colegas diante de uma plateia, o que indica que os alunos sentiam-se mais capazes de se

apresentar junto com seus colegas do que sozinhos (37%). Cruvinel (2003) obteve resultados semelhantes em sua pesquisa, assim como Stencel, Soares e Moraes (2012), que enumeram alguns motivos pelos quais os alunos preferem tocar em grupo: é mais cômodo; há interação; dá uma sensação maior de segurança; dá mais empolgação; há união de ideias, produção e maior trabalho; eles não ficam sozinhos em cima do palco; a responsabilidade fica dividida; dá mais tranquilidade e os erros não ficam tão aparentes, pois a atenção do público não estão somente em uma pessoa. É importante frisar que essa foi a questão em que os alunos demonstraram as maiores crenças de autoeficácia. Ao cruzar estes resultados com as faixas etárias dos participantes, foi possível identificar um decréscimo no senso de eficácia dos alunos, conforme a idade aumentava, ou seja, os alunos mais novos se sentiam mais capazes de se apresentar junto com os colegas do que os alunos mais velhos. Quando os resultados foram cruzados com o tempo de estudo dos alunos, outro fato chamou atenção: para os participantes desta pesquisa, quanto mais tempo de estudo, mais eles se sentiam capazes de se apresentar junto com seus colegas.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível perceber de que forma cada uma das fontes das crenças de autoeficácia atua na motivação dos alunos para aprender violão em um contexto de ensino coletivo. Como sugestão para futuras pesquisas, fica a indicação de investigar a motivação de alunos em outros contextos de ensino coletivo.

## Referências

- AZZI, Roberta G.; POLYDORO, S. A. J. Auto-eficácia proposta por Albert Bandura In: AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). *Auto-eficácia em diferentes contextos*. São Paulo: Editora Alínea, 2006. p. 9-23.
- AZZI, Roberta G. *et al.* Crenças de eficácia pessoal e coletiva. In: AZZI, R. G.; VIEIRA, D. A. (Orgs.). *Crenças de eficácia em contexto educativo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- BANDURA, Albert. Self-efficacy. In: RAMACHAUDRAN, V. S. (Ed.), *Encyclopedia of human behavior*, v. 4. New York: Academic Press, 1994. p. 71-81.
- BANDURA, Albert. Guide for constructing Self-efficacy Scales. In: F. Pajares & T. Urdan (Eds.). *Self-efficacy beliefs of adolescents*, (Vol. 5., pp. 307-337). Greenwich, CT: 2006.
- COSTA, Elis R.; BORUCHOVITCH, Evely. Auto-eficácia e a motivação para aprender: considerações para o desempenho escolar dos alunos. In: AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). *Auto-eficácia em diferentes contextos*. Campinas: Editora Alínea, 2006. p. 87-109.
- CRUVINEL, Flavia M. *Efeitos do ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: a educação musical como meio de transformação social*. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2003. Disponível em: < <https://mestrado.emac.ufg.br/p/2795-2001> >. Acesso em 23/3/2015.
- FIGUEIREDO, Edson. *A Motivação dos bacharelados em violão: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação*. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em: < <http://www.sacod.ufpr.br/portal/artes/wp-content/uploads/sites/8/2012/12/Edson-Figueiredo.pdf> >. Acesso em: 10/6/2014.
- FIGUEIREDO, Edson A. F. *Controle e promoção de autonomia: um estudo com com professores de instrumento musical*. Tese (Doutorado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115621/000964237.pdf?sequence=1> >. Acesso em 06/01/2016.
- ROSA, Anderson R. Z. *A motivação do adolescente para a aprendizagem e a prática do violão na cidade de Curitiba (PR)*. Dissertação (Mestrado em Música), Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015. Disponível em: < <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/handle/1884/38827> >. Acesso em: 09/01/2016.

STENCEL, Ellen B., SOARES, Lineu F., MORAES, Maria J. C. Ansiedade na performance musical: aspectos emocionais e técnicos. In: *Anais do 8º Simpósio de Comunicações e Artes Musicais*, editado por Maurício Dottori. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2012. p. 37-46.